

NÚMERO AVULSO 50 CENTAVOS

Série de 12 números, pagamento adiantado, 6\$000

Publicidade a preços convencionais

Editor — Eduardo Lopes

Tiragem: 10 000 exemplares

DIRECTOR

HENRIQUE GALVÃO

CORPO REDACITORIAL

HUGO ROCHA

J. MIMOSO MOREIRA

MÁRIO DE FIGUEIREDO

Redacção e Administração:

PALÁCIO DAS COLÓNIAS

(Palácio de Cristal)

▼ (TELEFONE 89) ▼

Composto e impresso na «Imprensa Portuguesa», Rua Formosa — Porto



ULTRAMAR

ORGAO OFICIAL DA EXPOSIÇÃO COLONIAL

O Dia de Lourenço Marques

A Exposição Colonial Portuguesa vai celebrar em 24 de Julho o *Dia de Lourenço Marques*, por passar nesta data o 59.º aniversário da sentença proferida pelo Presidente de República Francesa, Marechal de Mac Mahon, no pleito entre Portugal e a Grã-Bretanha sobre o domínio dos territórios ao sul da Baía de Lourenço Marques, que por tal sentença ficaram definitivamente pertencendo a Portugal.

O dia 24 de Julho foi o escolhido pela Câmara Municipal de Lourenço Marques para feriado municipal da capital da Colónia de Moçambique, e o facto que se comemora merece, na realidade êsse relevo.

Desde longa data, desde 1686, tinham os ingleses por várias vezes pretendido contestar-nos o senhorio do território da Catembe e do Maputo, fronteiro a Lourenço Marques, no Sul do estuário do Espírito Santo, e das ilhas próximas, da Inhaca e dos Elefantes, quando não mesmo da própria Baía de Lourenço Marques, a que êles obstinadamente davam nome inglês — «Delagoa Bay».

Episódios vários daquelas pretensões se desenrolaram nos anos de 1720, 1763, 1783, 1790, 1823, 1827 e 1828, 1861 e 1862, 1868 e 1871. Neste ano quis a Inglaterra fazer valer mais energicamente os seus pretendidos direitos. O Governo Português propôs uma arbitragem, ao que a Grã-Bretanha anuiu, em 1872, sendo de comum acôrdo escolhido submeter ao Presidente da República Francesa, a fim de ser por êle decidido definitivamente e sem apelação, o litigio pendente desde o ano de 1823.

A 24 de Julho de 1875, o Marechal de Mac Mahon honradamente assina em Versalhes a sentença que termina por estas palavras:

Julgamos e decidimos que as pretensões do governo de Sua Magestade Fidelíssima aos territórios da Catembe e do Maputo, a península da Inhaca e às ilhas da Inhaca e dos Elefantes se acham provadas e estabelecidas.

Tão justa sentença veio abrir as portas ao progresso da parte sul da Colónia de Moçambique. Logo no ano seguinte, em 19 de Dezembro de

O esforço Militar na formação do Império

POR NUNES DA PONTE

Quem entrar hoje no antigo Palácio de Cristal e quedar extasiado, deslumbrados os olhos, a alma emocionada, ante a completa transformação que aquele velho recinto sofreu, depara logo, erguendo-se altivamente de entre o viçoso jardim, para o qual se volta, austera e magestosa, a Fachada do Palácio das Colónias, com um monumento augusto e nobre.

Sobre a base algumas figuras avultam, erectas, apumadas, braços firmes, punhos cerrados, acima das quais se ergue a grande altura uma coluna esbelta, em cuja face anterior brilha, em letras de ouro refulgente, uma série indefinida de nomes.

Se prestarmos um pouco de atenção à leitura desses nomes, desde logo aprendemos que na maioria pertencem a militares ilustres e valorosos, que desde a áurea época da descoberta e da conquista até aos nossos dias, puseram desinteressadamente todo o seu esforço ao serviço da Pátria estremecida.

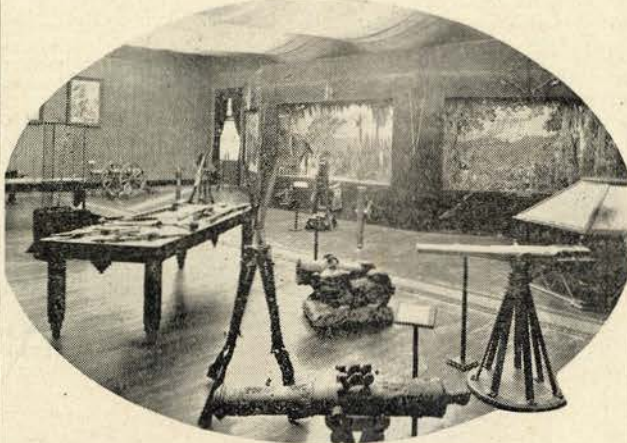
Nomes evocativos das nossas glórias, do nosso nunca desmentido heroísmo, da nossa indômita bravura, da nossa grandeza e fama, pertencem quasi todos a oficiais do exército e da Armada.

São os nomes aureolados daqueles que tendo brandido com denodo e galhardia as suas espadas em terras de além mar, pedaços da própria Pátria, já firmaram para sempre o nosso domínio, tornaram completa e perfeita a nossa soberania, concorrendo assim poderosamente para a formação do Império Colonial.

Não longe, do outro lado, voltado para a frondosa Avenida das Tílias, um outro monumento se destaca, entre a densa folhagem que o circunda.

E talvez mais simples ainda que o primeiro, mas não menos sugestivo com certeza. Não oferece menor grandeza na sobriedade das suas linhas, cuja concepção é simplesmente admirável.

Uma figura simbólica, por cima



Aspecto da Sala Militar do Palácio das Colónias

(Cliché ALVÃO)

Fomento de Cabo Verde

As circunstâncias prementes da economia de Cabo Verde denotava, perante o excepcional da sua posição, necessidade de rapidamente se providenciar uma correcção que procurasse manter o equilibrio da sua balança.

O actual Governador assim o compreendeu e encarando as possibilidades do arquipélago, referendou um largo projecto de apetrechamento económico. Para a realização dessa obra não bastaram sómente os recursos financeiros de Cabo Verde, muito embora as contas de exercicio viessem transportando um saldo duma dezena de milhar de contos. Logrou-se, por isso, obter a assistência financeira da metrópole, havendo o Governo Central autorizado a outorga dum empréstimo de 15:000 contos.

Cabo Verde vive assim a perspectiva dum futuro de vida própria. As condições do trabalho local que rareavam possibilidades de vida no seu torrão natal ao próprio nativo teem de se modificar — e para isso o fomento do arquipélago é cuidadosamente entrevisto.

O estudo detalhado das comunicações comerciais já realizado, tem no plano geral das obras um merecido relevo. Algumas das estradas mais importantes foram mesmo, na presente gestão administrativa, abertas ao trânsito. A importante carreira que liga a cidade da Praia à vila do Tanafal — que noutros tempos foi um importante centro comercial — já foi inaugurado e possui um trânsito considerável. Procede-se agora ao estudo do traçado da ligação Assomada-Tanafal, pela terra da Malaguetta, que, com a outra confluente já citada, formam perfeita-mente uma triangulação de fomento da ilha de Santiago.

Na ilha de Santo Antão, cuja brutal orografia obriga a realização de vias de montanha de incomparável beleza, também já foi aberto o troço de ligação da Ribeira Grande à povoação de Pôrto Novo. A produtiva Ribeira do Paul e as demais regiões da ilha de Santo Antão consentem, pela sua fertilidade, encerrar a possibilidade de levar ao Pôrto Grande de S. Vicente um importante tráfego de exportação.

(Continua na página n.º 2).

(Continua na página n.º 2).

O esforço Militar na formação do Império

(Continuação da 1.ª página)

da qual se divisa a gloriosa Cruz de Cristo pregada ao velame de antigas Caravelas, olha o espaço indefinido, na atitude de caminhar, de voar para muito longe.

Por trás dessa máscula figura e encimado pelo Escudo das Quinas, um elegante pedestal se levanta, no qual estão esculpidas várias datas célebres, desde o início das descobertas ao termo da colonização. Na base vêem-se escritas as cinco partes do mundo e ao fundo a sublime estrofe de Camões: «E se mais mundos houver lá chegara».

Significa o primeiro monumento o hercúleo, o decidido esforço de Portugal na Colonização.

Presta o segundo merecida homenagem aos portugueses de todas as raças mortos nas cinco partes do mundo em prol dessa mesma Colonização.

Dentro do Palácio das Colónias, lição admirável de patriotismo e bem entendido nacionalismo, cuja visão é sobremaneira consoladora para o nosso brio de portugueses, entre a vasta documentação que deve constituir o nosso maior orgulho, uma sala existe bem digna de ser visitada e justamente admirada. É a sala militar.

Ali se encontra patente de forma iniludível, inconfundível, a afirmação do valor, aliado ao espírito de sacrifício, da inquebrantável tenacidade, da vontade decidida e forte, do esforço desigual do Exército e da Armada que dedicadamente tem sempre servido, e denodadamente tem combatido em terras de além mar, para a conquista, defesa, pacificação, para a constituição, enfim, do Império Colonial.

Por isso a Direcção da I Exposição Colonial Portuguesa — merecedora da gratidão de todos os portugueses — que a gloriosa cidade do Porto orgulhosamente patenteia ao mundo inteiro, mostrando o que representa e o que vale ainda hoje o nosso famoso Império, à custa de tanto sacrifício conquistado e mantido, não se esqueceu de afirmar, através da História, o esforço militar exercido nas Colónias, pelo Exército e pela Armada, sem cujo concurso a formação do Império teria sido impossível.

Honra lhe seja!

NUNES DA PONTE.

Coronel, delegado do Ministério da Guerra junto da Exposição.

O Dia de Lourenço Marques

(Continuação da 1.ª página)

1876, o presidio de Lourenço Marques foi elevado à categoria de vila, e em 10 de Novembro de 1887 passou a ter foros de cidade. Em 1898 ficou sendo Lourenço Marques a capital da Colónia, que até essa data fora a cidade de Moçambique. Nestes 36 anos que decorrem de então até hoje o progresso de Lourenço Marques pode ser aquilato, sabendo-se que a cidade conta actualmente 42.779 habitantes, numa área de 9.399.000 metros quadrados.

ANTÓNIO BARRADAS.

Entre os congressos que se vão realizar

O I Congresso de Agricultura Colonial

representa uma iniciativa das mais importantes para o conhecimento das Colónias na Metrópole, em grande parte, ajuda, por realizar

Tem reunido, com frequência, a Comissão Executiva do I Congresso de Agricultura Colonial, iniciativa que está despertando, entre as pessoas que olham, com especial atenção, os assuntos coloniais e, sobretudo, os que se prendem com o desenvolvimento da lavoura nas Colónias, desenvolvimento que está, como não podia deixar de ser, intimamente ligado com a principal indústria da Metrópole, a agricultura, tem bem justificado interesse. Não é só, portanto, aos lavradores coloniais que este Congresso Agrícola interessa; interessa tanto a estes como aos que vivem e labutam no Continente. E, por isto, se explica o número, já elevado, de congressistas inscritos.

Seria longo apontar, aqui, todos os trabalhos que o Congresso terá de apreciar, alguns dos quais, já recebidos pela Comissão Executiva, principiarão a ser impressos, dentro de curtos dias. No entanto, não devemos deixar de fazer referência aos seguintes:

Problema algodoeiro; Futuro da palmeira produtora de óleo nas nossas Colónias; Problema de cacau de S. Tomé; O problema da cana sacarina nas Colónias portuguesas; Aproveitamento agrícola e industrial dos sub-produtos da indústria açucareira; O cacau; O café; O amendoim; O café (tese diferente da anteriormente referida); Palmares das Ilhas de S. Tomé e Príncipe; Directrizes de estudo da flora do

Portugal Ultramarino; Culturas tropicais (duas teses); Entomologia; O Sítio; Protecção da Flora espontânea; Pecuária Colonial; Criação de gados nas Colónias; Pecuária (três teses); Assistência técnica; Os serviços de assistência técnica nas Colónias; Alguns pontos de vista acerca da preparação dos agrónomos coloniais; Assistência técnica agrícola aos indígenas; Os problemas do ensino agrícola no Império Português; O ensino Agrícola colonial; Os problemas de assistência pecuária; Mão de obra; A economia agrícola colonial; Importância económica das principais culturas e meios de transporte na Baixa Zambézia; Hidráulica Agrícola e Colonização na Província de Moçambique; O mel nas Colónias; A máquina agrícola na lavoura colonial; Plantas medicinais nas Colónias; Estado actual das culturas e aproveitamento dos produtos; Orientação a seguir para o aumento e de feza da produção agrícola; Ensaio sobre a economia agrícola colonial no conjunto da política económica internacional; Sentido histórico e económico do Império Colonial Português, etc.

Estas teses serão relatadas, entre outros, pelos srs.: professor Carlos de Melo Geraldês; professor José da Cunha Silveira; dr. António Mantero; engenheiro-agrônomo António de Andrade Cabral; engenheiro-agrônomo Pessoa Lopes; António Maria da

Rocha; professor João de Carvalho; Ferreira Martins; Estolano Dias Ribeiro; dr. Almeida de Eça; dr. António Lebre; engenheiro-agrônomo Manuel Saraiva Vieira; professor José da Cunha Silveira; engenheiro-agrônomo João da Mota Furtado; professor Cândido Duarte; Conde de Penha Garcia (José); Virgílio Pereira da Costa; engenheiro-agrônomo Manuel Correia da Silva; engenheiro-agrônomo Luiz Quartim Graça; engenheiro Xavier da Fonseca; engenheiro Mário Borges; dr. António Barradas; engenheiro-agrônomo António Amaral; dr. Manuel da Fonseca Figueiredo, etc.

Para aprovar, definitivamente, o Regulamento do Congresso e, bem assim, estabelecer o programa de trabalhos, festas e visitas que serão oferecidas aos congressistas, reunirá, brevemente, a Comissão Organizadora do I Congresso de Agricultura Colonial, da qual fazem parte o Instituto Superior de Agronomia, a Escola Superior de Medicina Veterinária, a Escola Superior Colonial e o Museu Colonial, além dos organismos económicos e individualidades cuja lista foi, já, publicada.

Os congressistas terão entrada livre no recinto da Exposição, desde 24 de Agosto até 2 de Setembro próximos, além disso, mediante a apresentação do cartão de congressista, beneficiarão da redução de 45 % nas viagens em caminho de ferro.

As pessoas de família dos congressistas podem, também, inscrever-se, sendo o custo da inscrição, para estas, de 10500, por pessoa. Receberão, também, um cartão que lhes dá direito às mesmas reduções nas viagens e, ainda, entrada livre na Exposição Colonial, durante os dias acima referidos.

A inscrição, como congressista, cujo preço é de 30500, continua aberta na Associação Central de Agricultura, em Lisboa, Largo do Chiado, 8, e na Liga Agrária do Norte, no Porto, Praça Guilherme Gomes Fernandes, 14.

A Casa de Portugal em Paris

manifesta o seu interesse pela Exposição Colonial

O nosso presado amigo e conhecido florentino português sr. Joaquim Moreira da Silva interessou-se, patrioticamente, em Paris, quando, há algumas semanas, ali esteve, a tomar parte no júri do famoso Concurso Internacional de Bagatelle, pela propaganda da Exposição Colonial.

A direcção da Casa de Portugal tem desenvolvido uma activa propaganda, por todos os meios ao seu alcance.

Além do cartaz que se exhibe, actualmente, na montra da Casa de Portugal, a importante revista parisiense *Miroir du Monde* consagra, já, uma página à propaganda do nosso certame e foi distribuído, largamente, um folheto ao mesmo alvivo.

Está sendo organizada uma excursão a Portugal, em Setembro, tendo, como objectivo principal, a visita à Exposição. O programa respectivo, que acompanhava aquela carta, está excelentemente organizado, por elle se vendo que estão destinados os dias 3 (chegada ao Porto), 4 e 5 à estada nesta cidade e à visita ao nosso certame.

Motivos sobejam, portanto, para que felicitemos a Casa de Portugal, pela actividade desenvolvida na organização desta bela propaganda em favor de Portugal.

ESTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Outra ilha — do chamado grupo agrícola —, a do Fogo, exige também a abertura de estradas para a valorização das suas culturas.

Paralelamente à abertura de estradas, veem-se melhorando as condições dos portos de comércio. O de S. Vicente de Cabo Verde, cuja destacante importância é de todos conhecida, tem em adiantada construção uma óptima ponte-cais. Objectivando o incremento da exportação do sal, na Ilha de Maio, iniciou-se recentemente a construção duma ponte.

Mas o plano de apetrechamento económico, envolve ainda uma realização completa bem integrada dentro dos preceitos modernos.

A fatalidade geográfica das «secas da crise» tem que ser operada e para essa há que fazer importantes trabalhos de hidráulica agrícola.

A assistência técnica e de crédito agrícola também foi encarada. A reorganização dos serviços oficiais agro-pecuários, o estabelecimento de granjas agrícolas e o funcionamento

de crédito agrícola — que tem já uma dotação inicial de 2:500 contos — constituem meios particularmente interessantes para o êxito da obra em realização.

E desde já também se refere a necessidade de assegurar à produção as melhores condições de mercado. Para isso o Governo da Colónia concebeu um plano de organização de classes e orientará os contingentes de exportação, cuidando da preferência de mercados e da qualidade de selecção dos produtos, por meio dum organismo corporativo que agrupe todos os exportadores do arquipélago.

Cabo Verde anseia assim criar uma riqueza própria que lhe assegure condições de vida própria. Para isso conta com as suas possibilidades agrícolas e dessas é prova incontestável o variado mostruário de produtos que os Serviços Officiais de Agricultura da Colónia de Cabo Verde expõem na respectiva Secção da I Exposição Colonial Portuguesa.

MACHADO SALDANHA.



DE/PACHO/ DE EXPORTAÇÃO IMPORTAÇÃO E CABOTAGEM R.NOVA DA ALFANDEGA-67- PORTO

DE/PACHANTES/, AGENTES/ MARITIMOS E INTERNACIONAIS

CA/SA FUNDADA EM 1828 TELEFONO: E/CRITORIO -E/RECCAO NA ALFANDEGA -71607-PRX.

Agentes e comissários de fabricantes e negociantes estrangeiros e nacionais

TELEFONE: LINHA DO ESTADO N.º 57

Secção de Informações

A sua organização e os seus objectivos

O grandioso certame que se realiza na cidade do Porto tem uma limitada duração.

Em Setembro próximo o Palácio das Colónias encerrará as suas portas e do deslambamento do seu impressionante documentário restará uma óptima lição vivida. A I Primeira Exposição Colonial Portuguesa refere os mais variados objectivos e entre estes avulta a divulgação da situação das Colónias em todos os sectores da sua vida demográfica, económica, financeira e social. O diorama, o gráfico, o relevo e tantas outras formas de referência com que os casos coloniais são esclarecidos na organização cuidada das secções da Exposição, — as monografias, as memórias, os opúsculos e tantos outros sistemas de divulgação escrita — na Exposição se oferecem para um mais perfeito conhecimento dos assuntos — tudo isto não bastava ao detalhe informativo que da vida e das possibilidades do Império Colonial Português a Exposição intentou oferecer ao vivo interesse do País.

Por isso mesmo a «Secção de Informações» da I Exposição Colonial Portuguesa desenvolve toda a matéria dos assuntos que sobre a vida das Colónias Portuguesas lhe são propostas.

A formação do seu pessoal, colonias experientes e conhecedores da mor parte das nossas Colónias, permite o detalhe útil do objecto das matérias que lhe são requeridas. Estudiosos, publicistas, industriais e comerciantes diariamente se socorrem dos seus boletins-consultas que sempre constituem úteis e promenorizados indicativos.

A informação de natureza económica é aquela que especialmente se enquadra a-dentro dos objectivos da Secção, pretendendo-se com ela documentar aqueles que queiram orientar as suas actividades nas possibilidades dos nossos domínios do Ultramar.

Assim se a Exposição toda ela acorda a Alma Nacional, patenteando a grandeza do Império Colonial Português, a «Secção de Informações» bem pode dizer-se, que tenta coordenar o entusiasmo vivido para uma realização prática, útil e próxima.

Para o seu útil serviço esta «Secção» dispõe duma ordenada bibliografia colonial.

Além da Informação Colonial, a «Secção de Informações» tem também a seu cargo os serviços de orientação local incluindo os do Império.

A seguir transcrevemos alguns boletins de informação prestados:

Boletim n.º 3 proposto em 23 de Junho de 1934 por Dr. Mário de Vasconcelos e Sá, professor do Liceu Alexandre Herculano — Porto.

Objectivo da informação: Estudo. Matéria a informar: Exportação de Sisal da Colónia de Moçambique.

N.º 2 — 98.

Resposta: Exportação de Sisal da Colónia de Moçambique:

| | | | |
|------|-----|-----------|--------|
| 1926 | ... | Toneladas | 2.946 |
| 1927 | ... | | 3.670 |
| 1928 | ... | | 5.317 |
| 1929 | ... | | 5.873 |
| 1930 | ... | | 10.063 |
| 1931 | ... | | 12.359 |
| 1932 | ... | | 12.291 |
| 1933 | ... | | 15.381 |

Boletim n.º 24 proposto em 30 de Junho de 1934 por Anselmo Ferraz de Sousa, técnico prático em cultura e beneficiação de algodão, residente em Sobrado (Valongo).

Objectivo da informação: Cultura e comércio de algodão em carvão no planalto de Mossamedes — Angola.

Matéria a informar: a constante do questionário que se transcreve na resposta.

N.º 4 — 98.

Cultura e comércio de Algodão em carvão no planalto de Huila (interior de Mossamedes).

— Qual a produção em média de algodão em carvão por hectare?

As estações experimentais de Angola tem obtido a produção de 740 quilos de algodão Bancroft por hectare, incluindo 43 quilos de fibra manchada.

— Qual o seu custo, em média, da mão de obra por hectare?

Cada trabalhador custa por dia — ração, salário, vestuário, etc. 1.50 angolares. Há agricultores que, pelo menos para a apanha

do algodão, usam o sistema de empreitada, pagando aos indígenas 20 angolares por quilo.

— Há fábricas de descaçoamento e beneficiação no planalto?

Não se pode prestar uma resposta conclusiva, mas parece que somente a firma Venâncio Guimarães & C., com plantações no Bentaba, possui uma.

— Qual a média de comprimento da fibra?

21 a 24 mm.

— Quais os preços que vigoram actualmente para o algodão em carvão?

O mercado do algodão cultivado pelos indígenas e vendido por estes é regulado pelo governo da Colónia. O mercado entre agricultores não indígenas e comerciantes é livre. A média da cotação do algodão (praça de Lisboa) prensado, foi no mês de Maio próximo passado de 4548.

— Há possibilidades com o capital de 70.000 escudos iniciar uma lavoura de algodão?

Sem dúvida, mormente perante o estímulo e assistências oficiais quanto a ensinamentos que o Governo da Colónia presta.

Indicação útil: O proponente desta informação é um prático na cultura. O teor da sua proposta refere um curioso pensamento de colonização que urge estimular — aquele que se faz acompanhar de capital, muito embora este seja pouco quantioso. Por isso mesmo, e atendendo a que uma cabal resposta envolve especiais conhecimentos técnicos, devemos aconselhar a que sobre o assunto dirija uma pormenorizada consulta à Direcção dos Serviços de Agricultura e Comércio, Luanda, Angola, que gostosamente lhe prestará.

N.º 5 — 98.

Boletim n.º 27 proposto em 2 de Junho por Tomaz Rowland, comerciante, residente no Porto.

Objectivos da informação: representar casas exportadoras de madeiras de Moçambique.

Matéria a informar: qualidades de madeira que se exportam da Colónia de Moçambique.

Principais madeiras para mobílias que se exportam de Moçambique

As principais madeiras que se exportam da Colónia de Moçambique, são:

| Latim | Pterocarpus erianthus, Poir. | Azalia-quanzensis, Welw | Guill. Perr. |
|-----------------------------------|------------------------------|-----------------------------|-----------------------|
| Nome científico | Cabinet Wood | Cabinet Wood | Dalbergia melanoxylon |
| Nome inglês | Timber Ambila | Timber Chamfuta | Ebony |
| Nome francês | Bois d'ebenisterie Ambila | Bois d'ebenisterie Chamfuta | Ebène |
| Nome indígena em Lourenço Marques | Ambila | Chamfuta | Ebano |
| Família | Leguminosia | | |

As principais casas exportadoras destas madeiras são: Companhia Agrícola de Nhamvú, Limitada — Caixa Postal 77 — Inhambane e Stuben & C., Caixa Postal 775 — Lourenço Marques.

Exportam também Ambila e Chanfuta, as casas:

P. Santos Gil & C., Limitada, Caixa Postal 325 — Lourenço Marques e The Delagoa Bay Agency C., Limitada, Caixa Postal 796, de Lourenço Marques.

Exportam também ebano as casas:

F. Bridler & C., Limitada, Caixa Postal 65, de Lourenço Marques; João Ferreira dos Santos, Caixa Postal 1, de Moçambique; Hajé Taibu Momade & C., Limitada, do Ibo e Ranchordias Odá, do Ibo.

A maior parte das exportações de madeiras é feita pelo porto de Lourenço Marques, tendo diminuído muito ultimamente.

Os anos em que tem havido são os de 1918 e 1927 em que atingiu, respectivamente, 5.741 e 5.053 toneladas.

A chanfuta é paga em Lourenço Marques a £ 2 por tonelada, sendo a exportação sobrecarregada com o direito alfandegário de 3 %, ouro. Encontra-se em toda a Colónia. A madeira é de cor castanho-avermelhada, rija e fácil de trabalhar, em obras de marcenaria e construções. M3 — 697 kgs.

A ambila encontra-se em toda a Colónia, sendo mais abundante na Zambézia. A madeira é de cor castanho-avermelhada, forte, fácil de trabalhar, de muita duração, inatacável pelas termites, sendo aproveitada para todos os usos, M3 — 524 kgs.

N.º 7 — 98.

Boletim n.º 33 proposto por Luciano Porto, agente comercial, residente no Porto.

Objectivo da informação: publicidade. Matéria a informar: produção de óleo de amendoim nas Colónias, suas condições alimentares e possibilidades do seu emprego na metrópole.

O azeite de amendoim como óleo alimentar.

As Colónias de Moçambique, Guiné e Angola são produtoras de amendoim. Na secção de produtos agrícolas da I Exposição Colonial Portuguesa figura um mostruário da produção daquelas Colónias, que bem demonstra as cuidadas condições de cultura. O amendoim de Moçambique é exportado para a França, Alemanha e Holanda, países estes cujas populações o empregam como extrínseco óleo de alimentação talqualmente como em Portugal se usa o azeite de oliveira. O grande contingente da exportação da mancarra da Guiné Portuguesa também se destina aos mercados franceses. A Colónia de Moçambique já industrializou a produção de amendoim. Uma Empresa de Lourenço Marques produz nas suas instalações daquela cidade o azeite de amendoim refinado para uso alimentar, apresentando-o ao comércio com os nos 1 e 2. Este é garantido com menos de 4 graus de acidez, o n.º 1 com menos de um grau de acidez. O azeite de amendoim é um produto excelente utilizado em larga escala na Colónia para uso alimentar e exportado para Portugal e para a União Sul Africana e outros países, quer para uso alimentar, quer para conservas. No ano de 1932 foram exportados pelo porto de Lourenço Marques 784.641 quilos de óleo de amendoim, sendo:

Para Angola, 53; para Portugal, 101.659; para U. S. A., 929.

Um boletim de análises de amostras comerciais de azeite de amendoim, Direcção dos Serviços de Agricultura da Colónia de Moçambique, dá, como média de 15 amostras de várias procedências, o seguinte resultado: Água, 5,95 %; Matéria gordia 47,47 %; Matérias gordas em relação à matéria seca, 50,48 %; Acidez em ácido oleico, 2,10 % — A avultar as qualidades óptimas que este óleo tem como alimento o seu sabor é muito agradável. Em Portugal este excelente produto colonial já vai tendo aceitação, sendo natural que a sua exportação aumente pois o seu vantajoso preço facilita as condições de vida das classes menos abastadas.

ULTRAMAR vende-se no recinto da Exposição na Livraria da Sr.ª D. Alice Lage.



Dois aspectos da visita da tropa de África à Fábrica de Fiação e Tecidos da Areosa

(Cliché ANTÓNIO SILVA).

O sr. Manuel Pinto de Azevedo, coproprietário daquele estabelecimento fabril, entregando a um Landim uma recordação da visita. No parque de entrada da Fábrica — Os srs. Capitão Silva Carvalho, comandante da 1.ª Companhia Indígena de Moçambique; Manuel Pinto de Azevedo, Manuel Caetano de Oliveira, Manuel Pinto de Azevedo Junior e engenheiro Mário Borges.



Os colaboradores da Exposição



Machado Saldanha, cujo retrato ULTRAMAR gostosamente insere hoje, como homenagem de apreço, nas suas colunas, tem sido um devotado e incansável colaborador da Exposição Colonial.

Antigo director do jornal *Comércio de Angola*, de Luanda; antigo presidente da Câmara Municipal de Bolama (Guiné) e actual director dos Serviços de Estatística de Cabo Verde e vice-presidente da Câmara Municipal da Praia, Machado Saldanha é um espirito culto e um colonialista distinto que cultiva os problemas e a expansão do Ultramar com acentuado interesse.

Machado Saldanha é o delegado da Colónia de Cabo Verde à Exposição.

Propaganda das Missões Religiosas

No salão do Ateneu Commercial do Porto, realizou-se há dias a reunião inaugural dos trabalhos de propaganda das Missões Ultramarinas, em que falaram, exaltando o espirito patriótico, humanitário e espiritual dos missionários, a senhora D. Ana José Guedes da Costa, o sr. Arcebispo de Ostrinco e o sr. capitão Henrique Galvão, Director da Exposição e do jornal «ULTRAMAR».

Transcrevemos do brilhante discurso da senhora D. Ana José Guedes da Costa, espirito gentilissimo que todo o Norte conhece através duma larga e proficua acção de beneficência, os seguintes periodos:

«O actual Governo melhor ainda que os antecedentes, quer effectivar proficua auxilio ás nossas Missões. O sr. Ministro das Colónias, Arminio Monteiro, espirito esclarecido e culto trouxe da sua estuosa viagem á Africa novo impulso colonizador. E disso é exuberante prova a brilhante Exposição Colonial que está emocionando o Pais. Vota elle ás missões ultramarinas apoio especial

Mas os governos não podem fazer tudo. Em todas as outras nações a iniciativa particular vai na vanguarda. Que o digam essas opulentas missões da França por todas as suas colónias; as inglesas e americanas, não longe das nossas, pretendendo competir com estas, ricas apenas de boa vontade e competência.

Foi com a Cruz e a Espada que Portugal conquistou mundos. Sentindo-se pequeno á beira do Atlântico, cuja maravilhosa grandeza lhe inspirava sonhos de

glória, pediu-lhes auxilio para as suas maravilhas de expansão.

A Cruz sobe as velas desfraldadas das arrojadas caravelas, singrando impávidas através das brumas misteriosas, á mercê de tempestades e tuções.

A Espada, nas mãos possantes de descobridores guerreiros, brandindo-a com esforço épico de heróis. Irmanadas Cruz e Espada venceram pela Fé, e pela Pátria. E tempo de a humanidade cansada de lutas sangrentas, deixar que descanse a espada em lugar de honra, e concentrar-se todo o esforço em dar lugar á cruz para que a vitória possa tornar-se criadora — toda luz redentora, e toda amor.

O Soldado conquistou, o Missionário conserva. As missões católicas portuguesas opõem-se á infiltração das missões estrangeiras, largamente subsidiadas pelos seus governos e compatriotas. É que reconhecem o poderoso auxilio que elas prestam, quando não seja para a conquista de territórios, para o alcance da influencia moral e politica.

As missões pela sua acção pacifica, constante, civilizando, moralizando, curando corpos e educando almas, com saber feito de cultura e carinho, substituem e dispensam a defesa pelas armas.

O missionário português, tem votado pelo seu ideal religioso á propagação da Fé, ao auxilio do seu semelhante, exilado voluntário, emboas tenha por familia a humanidade inteira, nunca perde de vista a bússola que o norteia pelo absorvente amor da pátria.

É que dizer das missionárias das Gafarias? Mulheres sublimes desprezidas de toda a vaidade fisica e moral, dia a dia em

tudo o largo decurso que vai do alistamento ao túmulo, ellas só vivem para a alegria de aliviar o sofrimento dos desgraçados e infelizes leprosos, despreocupadas do contágio, esquecidas de si próprias, desprezando todo o conforto e distracção que não concorram para o conforto e distracção alheia, numa abnegação e desprendimento que assombra.

Missionários, homens e mulheres, são os soldados da paz. Só pedem que os auxilium com os meios materiais para poderem sustentar e desenvolver — na Metrópole casas de preparação missionárias; — nas Colónias os seus campos de concentração de onde irradiam escolas, oficinas, culturas desenvolvidas, hospitais.»

Damos, também, uma parte do notável e desassombroso discurso que o sr. capitão Henrique Galvão pronunciou nessa sessão.

A obra das Missões é, sobretudo, uma obra de amor. E se é relativamente fácil encontra um homem capaz de não praticar o mal, é muito complicado, apenas dentro das fronteiras dum civismo convencional, achar homens capazes de amar o Bem.

Sabatier diz, com imensa verdade, na sua «Vie de Saint François d'Assise»: Il ya bien loin, en effet, de la haine du mal à l'amour du bien, ils sont plus nombreux qu'on ne pense, ceux qui ont renoncé, après de dures experiences, à ce que les antiques liturgies appellent le monde, les pompes et ses convoitises, mais la plupart n'ont pas au fond du coeur la moindre grain de pour amour.

Uma missão laica, num país de forças morais ainda por organizar como o nosso está, sob o ponto de vista de eficiencia, tão longe duma missão religiosa, como o «Diário do Governo» o está na Biblia.

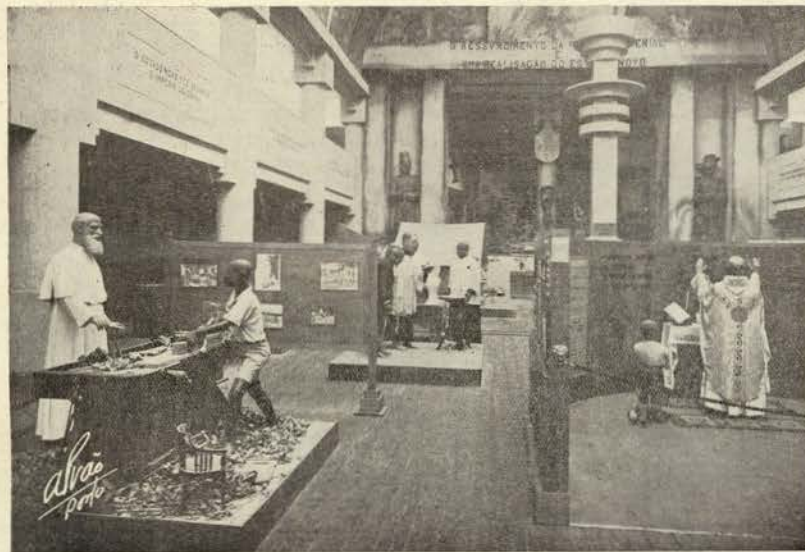
É preciso ter andado pelo interior de Africa e ter visitado as missões religiosas para compreender sem embargo nem dificuldade, quanto esta tarefa espantosa, está fora duma simples organização official, ás quais sejam estranhas e indiferentes quaisquer ideias mais altas que o seu frio e superficial humanismo.

E como há de caber dentro dos mais amplos limites desse humanismo, sem alma nem coração, e no qual o fetichismo científico se substituiu ao amor de Deus nesse humanismo, onde tudo é frio, severo e calculado, aquela alegria perfeita que resulta da humanidade, da renúncia e do sacrificio, e que é, ao mesmo tempo, a condição e a recompensa do missionário? O funcionário das missões laicas vai á sua tarefa para ganhar a vida na terra e para servir um Estado guiado por fórmulas humanas. O seu amor profissional, quando existe, ao contrario do que se verificou em Angola, é na sua mais alta expressão um amor sem profundidade — é o tal odio do mal que está tão longe do amor do Bem!

O padre das missões religiosas, sacrifica á sua vida na terra, com uma alegria superior, para servir um Deus que está acima dos homens.

O seu amor profissional é um amor divino — elles próprios são um prolongamento de Deus na terra: «In omnem terram exiit sonus eorum et in fines orbis terrae, verba eorum».

Ao funcionário disse: «Vai por tantos anos e eu me obrigo a dar-te um ordenado e uma reforma, uma gratificação e uma ca-



Aspecto da Nave Central do Palácio das Colónias — A representação das Missões Religiosas

(Cliclé ALVÃO)

tegoria, vantagens materiais correspondentes ao sacrificio que vais fazer.

E como o Estado realmente nunca dá vantagens correspondentes aos sacrificios que pede aos seus servidores, e como os seus servidores antecipadamente o não ignoram, o sacrificio faz-se na medida indispensável para atingir a reforma, sem bulhar com os artigos da lei que se referem às sanções — cautelosa e cómodamente.

Aos missionários religiosos não foi o Estado quem falou side, pois, e ensinaí todas as gentes, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, ensinando-as a observar todas as coisas que vos tenho mandado: e está certo de que eu estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos.

O missionário é o tipo mais belo e mais completo dos homens que amam por amor de Deus!

Na simplicidade tocante da sua vida, são figuras extraordinárias, quasi complicadas, pela grandeza que os afasta de nós e que tantas vezes os torna incompreensíveis.

É realmente difícil, sobretudo em Africa, entre a moral que cá se vive e a mentalidade que cá se cria, compreender, porque razão um homem de vinte anos, que trás nos olhos o fulgor da sua mocidade e no corpo as energias vibrantes dum sangue generoso, vem para a Africa, sacrificar uma vida inteira, isolar-se em lonjuras desoladas, correr todos os riscos do clima e do desconforto, se não trás o projecto de fazer fortuna e de vir a ser grande entre os homens, na grandeza que os homens comprehendem!

É ainda mais difícil de comprehender porque razão esse homem, quarenta anos depois, no fim da vida que consumiu em Africa, ao cabo de conseiras inimagináveis de doenças, de perigos, trás ainda nos olhos o fulgor duma alegria moça — aquela luz clara, suave, adorável, com que Deus se compraz iluminar a alma das crianças e as dos seus celeitos!

Nunca vi essa alegria, esse bem-estar, uma tão profunda expressão de felicidade e satisfação, nos olhos dos homens que triunfaram em Africa e de cá se vão um dia, ricos e grandes, conforme tinham sonhado.

É que, como dizia aquele poeta cinico e encantador que tinha inventado a nova Inglaterra:

What is life? A little strife where victories are vain
Where those who conquer do not win nor there receive who gain!

Na missão de Huila, foi-me apresentado, um dia, um missionário francês de vinte e dois anos, de longa barba ruiva, cabelos em desordem e uns olhos infantis que me confrangeram de os ver brilhar no alto duma sotaina negra — uma sotaina que me fez lembrar uma grande mortalha.

Tinha chegado poucas semanas antes, Começava a dizer algumas palavras em português.

É tudo, as suas palavras deformadas pelo sotaque, a sua face vermelha de breião, os seus gestos de seminarista, o seu riso claro de homem moço, a sua saúde vigorosa de adolescente, dizia a surpresa, a iniciação, o entusiasmo.

Era mais um recruta para a fileira, um novo soldado romântico, aprestado para esta luta, em que a glória não tem espectáculo,

nem consagrações entusiásticas, nem aplausos exteriores.

É o soldadinho tão moço, contente de dar a vida inteira a uma obra sem compensações terrenas, confrangeu-me, como confrange a morte dos moços a quem a vida consente todas as esperanças.

Uns dias depois encontrava-me na missão do Chapeu — uma casa velha equilibrada sobre os pedregulhos bravos dos Gabos — com o padre Wendling, director da missão.

Era velho, de grandes barbas, brancas, uma linda figura de santo de Catedral. Face apertaminhada, onde tinham ficado escritos todos os trabalhos e todas as agruras de quarenta anos de Africa.

Naquele corpo gasto, ciliado pelo clima, pelo isolamento, pelas fadigas, impressionavam, como uma revelação de Deus, a imensa calma das atitudes e um certo fulgor nos olhos que era, após quarenta anos, tão limpo e tão doce como o do outro missionário novo.

É nas horas doces em que o ouvi, naquela varanda pobrezinha da missão, onde à noite vinha rujir-se a onça e de dia pousoavam as aves, o padre Wendling falava-me da sua vida, como se ela fôr uma viagem ao sul dourado, entre os seus vinte anos distantes e a sua velhice tranqüila.

Quis saber se era possível conduzir os indigenas ao catolicismo, dar-lhes uma fé e um pouco daquela alma imensa dos missionários.

Não era. O negro é um feticista, e se-lo há ainda em muitas gerações. É possível ensiná-lo, elevá-lo à forma material duma civilização elemental, é possível mesmo contê-lo dentro duma moral superior à sua, mas por enquanto é tudo, que em matéria religiosa, se pode conseguir.

E o padre Wendling acrescentava: — É o principio. São precisos muitos anos, muitos, só para começar!

E novamente me assombrou aquele velho risonho, que à Africa tinha feito o dom da sua vida e que na terra não encontrava sequer a compensação moral de concluir uma obra.

Só nesse dia compreendi porque razão, um homem de vinte anos, vem para a Africa, sacrificar uma vida inteira, isolar-se em lonjuras desoladas, correr todos os riscos do clima e do desconforto, se não trás o projecto de fazer fortuna e de vir a ser grande entre os homens, na grandeza que os homens comprehendem!

Dizia-me o padre Wendling, naquele sorriso alvo dos celeitos:

— É uma paixão... E só quem a tem pode ser missionário. Os que não a sentem, ou os que apenas julgam senti-la, não podem... tem que ir-se embora.

Parecia-me vê-lo pela sua vida fora a repetir aquele psalmo dos Evangelhos:

«Os meus dias desmaiaram como a sombra e tornei-me seco como uma árvore, mas tu, Senhor, tu subistes eternamente e a memória do teu nome estender-se-á a todas as raças.»

Como me pareceu ridícula e desaguitada aquela prosa do Alto Comissário no Boletim Oficial: *cuma larga obra de civilização, cuja execução se tinha restringido em Portugal aos ministros da religião católica, passou a poder ser legalmente exercida por todos os portugueses que para tão alto ministério tivessem vocação e fossem dotados do espirito de abnegação e sacrificio.*

Estão a ver? A abnegação dos funcionários, paga a tanto por mês e garantida por uma reforma de 50 % de abatimento nos Caminhos de Ferro!

O Dia das Colónias

A Exposição Colonial vai dedicar os seguintes dias às Províncias portuguesas do Ultramar, solenizando datas históricas.

24 de Julho — Dia de Moçambique. — Comemoração do aniversário da data em que o Presidente da República Francesa, Marechal Mac-Mahon, proferiu em 1875 a sentença arbitral que decidiu a favor do nosso País o litigio suscitado com a Inglaterra acerca dos direitos à posse dos territórios de Inyack (Linhaca) e às ilhas de Linhaca e dos Elefantos.

Haverá nesse dia uma cerimónia junto do Monumento ao Esforço Colonizador, uma festa gentílica, concerto pela Banda de Angola e uma conferência pelo sr. dr. António Baradas, que será difundida pela telefonia privada da Exposição.

6 de Agosto — Dia de Timor. — Comemoração da assinatura do Tratado de Paz entre Portugal e a Holanda em 1661 que, se não harmonizou os interesses das duas nações no arquipélago de Solor e Timor, pelo menos pôs termo à guerra aberta que a Holanda nos fazia, a despeito do Tratado de 1645. Os portugueses puderam à sombra deste Tratado assegurar as bases do seu domínio em Timor.

15 de Agosto — Dia de Angola. — Comemora-se nesta data a restauração de Angola — reconquistada aos holandeses da cidade de Luanda por Salvador Correia de Sá e Benevides, em 1648.

25 de Agosto — Dia de S. Tomé e Príncipe. — É promulgado em 1855 o primeiro decreto respeitante a esta Colónia abolindo o tráfico de escravos.

31 de Agosto — Dia de Macau. — Comemora-se a posse em 1616 do primeiro Governador de Macau, Francisco Lopes Carrazco.

6 de Setembro — Dia da Índia. — Data do feriado municipal de Mormugão.

9 de Setembro — Dia de Cabo Verde. — Comemoração do primeiro aniversário da assistência financeira estabelecida pelo actual Ministro das Colónias a Cabo Verde para o seu appetramento económico.

23 de Setembro — Dia da Guiné. — Comemoração da chegada em 1913 a Colónia do capitão Teixeira Pinto — o pacificador da Guiné Portuguesa.

ULTRAMAR tem como Representante em Lisboa, o sr. João dos Santos, na Avenida Elias Garcia, 77-1.º.



Aspecto da Nave Central do Palácio das Colónias, vendo-se no primeiro plano à direita, um acampamento africano de combate à doença do sono

(Cliché ALVÃO)

Informação da quinzena

CONCESSÕES A ENTRADAS COLECTIVAS

A-fim-de facilitar a visita de operários, alunos e soldados, resolveu a Direcção da Exposição conceder um desconto de 50 % sobre os preços normais de entrada aos domingos e de 20 % nos dias úteis. Assim os preços serão, respectivamente, de 2\$50 e 2\$00.

No entanto, os descontos só serão concedidos mediante bilhetes especiais de entrada, quando requisitados ao Serviço de Exploração da Exposição directamente pelas fábricas, escolas ou quartéis. Os bilhetes só serão aceites nas bilheteiras autenticados com o carimbo da entidade que os requisitou.

ROTARY CLUB DO PORTO

Promovido pelo Rotary Club do Porto e em homenagem à Exposição, efectuou-se na tarde de 23 de Junho no salão de festas do Palácio das Colónias uma recepção em honra dos rotários espanhóis, franceses e portugueses, seguindo-se a visita ao certame e banquete.

VISITAS DE ESTABELECIMENTOS ESCOLARES OFICIAIS E PARTICULARES

Os alunos do Colégio Militar de Lisboa visitaram em 23 de Junho a Exposição. Deputaram um ramo de flores junto do Monumento ao Esforço Colonizador, sendo-lhes passada revista, com toda a solenidade, pelo sr. Ministro da Guerra.

Desde 19 de Junho visitaram a Exposição alunos dos liceus Alexandre Herculano, Rodrigues de Freitas e Carolina Michaelis, do Porto; Instituto Feminino de Odivelas; Escola Brotero; Escola Commercial «Rocha Peixoto», da Póvoa do Varzim; Instituto de Surdos Mudos «Araújo Porto»; Pupilos do Exército de Terra e Mar; Escola Commercial «Oliveira Martins», do Porto; Liceu José Estevão, de Aveiro; Escola Primária do Entroncamento; Escola do Magistério Primário de Lisboa; Escolas Officiais Primárias do Porto; Escola Official de S. Miguel de Aves, Santo Tirso; Escola Official de Pedrouços, Aguas Santas; Colégio Conde de S. Tiago de Lobão; Escola Masculina do Mindelo; Externato Avenida Brasil; Seminário de Cucujães; Asilo de S. João; Externato Particular da Foz.

VISITANTES ILUSTRES

Deve chegar brevemente ao Porto o sr. George Desbons, Secretário Geral adjunto da «Société de Geographie Commerciale et d'Etudes Economiques» de Paris, nomeado delegado desta sociedade junto da Exposição Colonial Portuguesa. A missão de que vem encarregado «Estudos económicos das Colónias Portuguesas», — fá-lo-á permanecer durante bastante tempo entre nós. A escolha de Desbons é tanto mais acertada porque acaba de publicar uma obra sobre as colónias portuguesas, destinada aos estabelecimentos franceses de ensino — obra que foi prefaciada pelo sr. Pierre Laval, ex-presidente do Ministério e actual Ministro das Colónias da França.

MARCA LUMINOSA

Nas noites de 28 e 29 de Junho efectuaram-se no recinto da Exposição duas atraentes, e pitorescas marchas luminosas, extensos cortejos compostos por indígenas e naturais que se encontram no Palácio das Colónias. Foram dois movimentados e alegres números que atraíram ao Palácio milhares de pessoas, animando extraordinariamente o recinto.

CHA DE CARIDADE

Organizado por um grupo de senhoras da nossa primeira sociedade, realizou-se ontem, no magnifico salão de festas da Exposição Colonial e no terraço fronteiro a este, gentilmente cedidos pelo sr. Capitão Henrique Galvão, um chá de caridade, em que se fez ouvir a típica orquestra de Cabo Verde.

Foi uma festa de rara elegância e animação.

CONCESSÕES DOS CAMINHOS DE FERRO

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses resolveu conceder um desconto de 60 % sobre os seus preços de Passagens, a excursões Escolares.

A legalização dos bilhetes de Caminho de Ferro de excursionistas visitantes da Exposição, faz-se no Pavilhão do Concelho Nacional de Turismo, situado na Avenida da Índia, junto ao Cinema Balanta.

HOMENAGEM A GALIZA

Prestando homenagem à Galiza, cuja população desde o início até ao funcionamento da Exposição tem prestado ao Certame o mais devotado carinho, simpatia e interesse, foram instalados e inaugurados junto à Avenida da Índia dois pavilhões de turismo e propaganda das cidades de Vigo e Corunha.

Essas cerimónias inaugurais tiveram um carácter de afectuosa cordealidade, marcando como perfeita atitude de inter-câmbio e estreitamento de relações entre galegos e portugueses.

CAPITÃO SILVA CARVALHO

O sr. Capitão Silva Carvalho, militar brioso com uma exemplar fôlha de serviços prestados nas nossas Colónias, foi, solenemente, condecorado em 17 de Junho pelo sr. Presidente da República com o grau de Official da Ordem de Cristo.

A cerimónia, que foi pública, realizou-se, solenemente, em frente ao Grande Hotel do Porto perante a tropa de África, tendo a ela assistido os srs. Ministros das Colónias, Guerra, Marinha, Interior, Comércio, Instrução e Sub-Secretário das Colónias, Comandante da Região, Governador Civil do Porto, Vice-Presidente da C. A. da Câmara, Director e Comissão Organizadora da Exposição Colonial, casa militar e civil do Chefe do Estado, contingentes dos corpos da guarnição, superiores da Policia de Segurança, etc.

Ao sr. Capitão Silva Carvalho, comandante da 1.ª Companhia Indígena de Moçambique (Landins), dirigiu na ocasião o sr. General Carmona palavras de elevado apreço e elogio. Aquele distinto official foi, depois, muito cumprimentado.

EXCURSIONISTAS GALEGOS

Visitaram a Exposição em 24 de Junho numerosos excursionistas da Corunha e Vigo, que foram carinhosamente recebidos não só pelo Director da Exposição, como pela Presidência da Câmara Municipal e Direcção da Associação Commercial do Porto.

— Em 8 de Julho, foi, ainda, o Certame visitado pela grande excursão popular organizada pella Associação da Imprensa de Vigo, que era acompanhada pelos srs. Governador de Pontevedra, Alcaide de Vigo, «misses» Espanha 1933 e Galiza 1934; Pes-

tana de Vasconcelos, Cónsul de Portugal em Vigo; D. Manuel Lustres Rivas; Manuel Carvalho, presidente do Centro Português de Vigo; D. José Losada, do Sindicato de Propaganda e Turismo de Vigo, etc.

Foram, entusiasticamente, aguardados na estação de S. Bento por uma compacta multidão, que os aclamou. A seguir, foram recebidos na Câmara Municipal, Governô Civil, Casa dos Jornalistas e no Palácio das Colónias.

Na Casa dos Jornalistas e no salão de festas da Exposição foram-lhe dedicados «Portos de Honra», tendo, também, sido servido um Xerez no Pavilhão de Turismo de Vigo.

A VISITA DA TROPA DE AFRICA A FABRICA DA AREOSA

Os soldados da Companhia Indígena de Moçambique e os elementos da banda de Angola, comandados pelo sr. capitão Silva Carvalho, visitaram há dias a Fábrica de Fiação e Tecidos da Areosa, a convite dos seus proprietários srs. Azevedo, Soares & C.ª.

Foram recebidos naquele importante estabelecimento industrial pelos srs. Manuel Pinto de Azevedo e Manuel Caetano de Oliveira, que foram amabilísimos para com os visitantes.

O SARAU DA TROPA DE AFRICA NO SAO JOAO CINE

A tropa de África que faz serviço na Exposição, cujo aprumo, disciplina e aspecto garboso tem sido objecto da atenção e do elogio dos portugueses e estrangeiros, realizou na sexta-feira, 6 do corrente, no São João Cine um atraentíssimo sarau, que decorreu no meio da maior animação.

Deu início ao programa a banda de Angola, dirigida hábilmente pelo distinto maestro José Lopes Júnior, que na execução de duas composições musicais se houve apreciavelmente, sendo muito aplaudida.

A seguir, alguns landins fizeram demonstrações de esgrima de baioneta com uma agilidade e pericia invulgares. Depois, apreciaram-se os tocadores de marimbas, que foram os animadores dum curioso batuque guerreiro, que pelas suas atitudes acrobáticas, expressivas e vigorosas conquistou entusiásticos aplausos da numerosa assistência.

O sr. capitão Henrique Galvão — na sua qualidade de director técnico da Exposição — fez a apresentação do orfeão da 5.ª Companhia de Infantaria Indígena, com que abriu a segunda parte do programa.

Palavras sóbrias mas expressivas, proferidas serenamente — mas com manifesta

Casa Sousa

Grande sortido em tecidos de novidade -- Organdis imprimés -- Sedas -- Mousselines -- Etamines -- Artigos de lã e de algodão em fantasia

ATELIER DE MODISTA

Rua 31 de Janeiro, 84-86--PORTO

TELEFONE 4766

MAGESTIC CAFÉ

RUA SANTA CATARINA



Sofrendo uma grande renovação, o MAGESTIC é uma das melhores casas do Pôrto pelas suas condições higiénicas e pelo bom serviço que sempre proporciona aos seus estimados frequentadores. Especializada no seu pequeno serviço de restaurante. LANCHES, BIFES à MAGESTIC (especialidade da casa).

CERVEJARIA NO SEU TERRAÇO PRIVATIVO

convicção. É um discurso fluente e sincero, tocado de patriotismo, sem preocupações de atavios oratórios — visando apenas dizer a verdade e a fazer justiça. E o sr. capitão Henrique Galvão — que conhece a fundo a África e a psicologia dos seus incolas — traça o elogio, presta homenagem ao «preto», apontando o seu espirito, o seu sentimento patriótico, o seu mérito militar e o seu valor social. Foram palavras brilhantes — e que a raça negra bem merece. Apresentou ainda ao público o sr. capitão Tomaz Jorge, figura simpática e enérgica de militar que é a alma e o conduto desse magnífico Orfeão.

O discurso do sr. capitão Henrique Galvão é sublinhado com vibrantes aplausos, dos quais compartilham o exímio regente do Orfeão.

Por fim, exhibiu-se o grupo orfeônico da 5.ª Companhia Indígena de Moçambique, que na execução do hino nacional, cantares portugueses e canções indígenas foi objecto de prolongados aplausos.

Por vezes, os aplausos tomaram um aspecto empolgante — crescendo em tempestade de ovações.

Bem o mereceram os landins — pela nitida compreensão de arte revelada — e pela delicada sensibilidade musical de que deram exuberantes provas, pois trata-se dum orfeão a três e quatro vozes, tódas elas bem colocadas e fazendo-se ouvir num equilíbrio, num relevo e numa beleza musical apreciabilíssimas.

Os cantos indígenas tiveram um solista — um 1.º cabo hercúleo, um Maciste negro, alto, e espadado, senhor de uma boa voz de

tenor, e a quem o público fez ovações especiais.

MUSEU ETNOGRÁFICO

A 8 do corrente inaugurou-se o Museu Etnográfico, situado na parte posterior do Arco dos Viso-Reis, à Avenida da Índia.

É um notável documentário de curiosas e inéditas colecções de arte indígena e oriental, parte das quais foram cedidas para o Museu por Monsenhor dr. Alves da Cunha.

O Museu Etnográfico tem sido extraordinariamente visitado com todo o interesse e admiração.

O PARQUE DE ATRACÇÕES

A Exposição, como todos os certames de categoria, tem, também, o seu Parque de Atracções.

Nesse recinto, que diariamente regista enorme concorrência, funcionam as seguintes diversões: — jogo de futebol, barcos automóveis, tapete rolante, palácio do riso, automóveis, pequena montanha russa, etc.

Também, atravessam as avenidas e ruas do Palácio das Colónias, durante as horas do seu funcionamento, dois combóios, em miniatura, que realizam viagens sempre concorridas.

SECÇÃO ZOOLOGICA

Tem sido largamente visitada a secção zoológica, — uma das atracções da Exposição — onde se expõem exemplares da fauna africana e asiática.

STAND N.º 12 na Exposição Colonial Portuguesa

Guilherme Graham Júnior & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 7
LISBÔA

Data da Fundação 1808

Fábrica de Estamparia e Tinturaria de Braço de Prata

Setinetas, Popelines, Percalinas, Fantasias, Chitas, Cretones, Lenços, etc., etc. Pintados e Zuartes, Panos para Forros, Lenços Bilbao, Tostados, etc., etc.

Rua dos Clérigos, 6
PÔRTO

Data da Fundação 1822

Fábrica de Tecidos da Boa-Vista — Pôrto

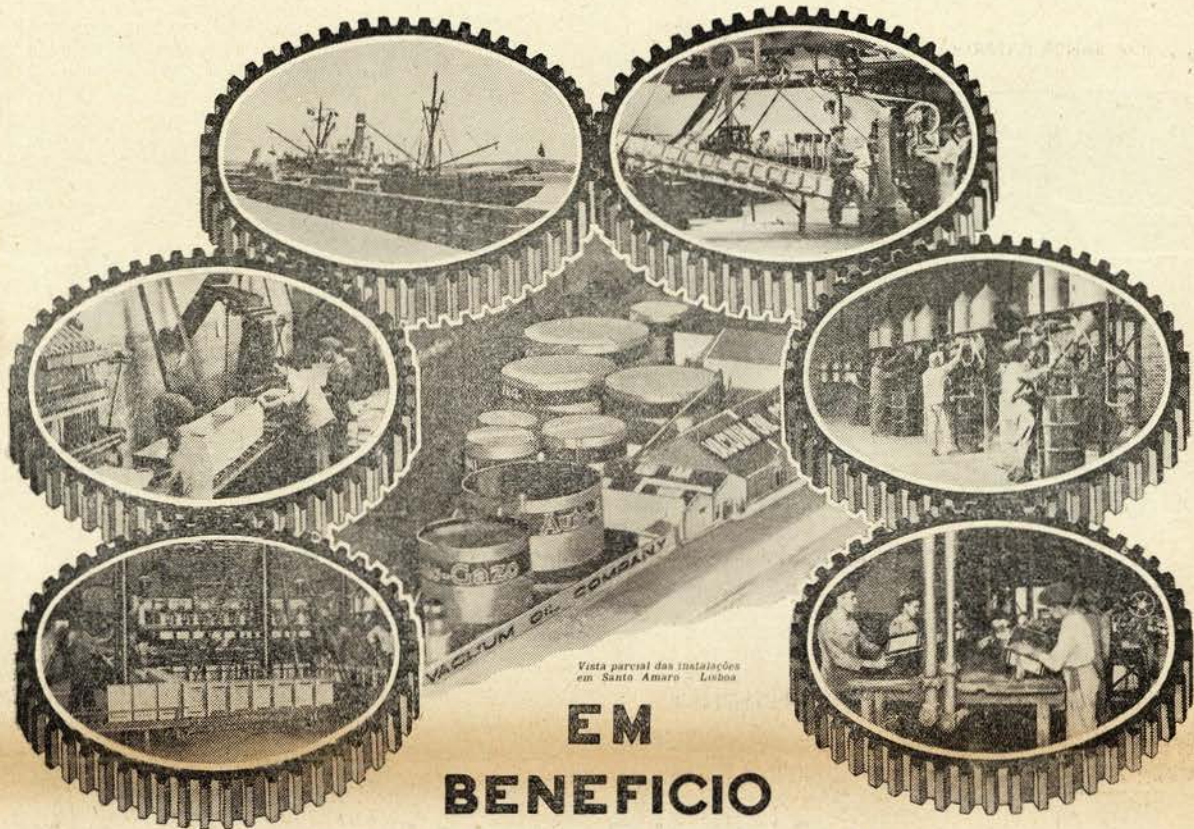
Estamparias Brancas e Cruas, Algodões Crus, Patentes, Panos para Lençóis, Panos Domésticos, Sarjas Brancas e Cruas, Lonas Cruas, Toalhas Lisas e Turcas, Lençóis, etc., etc.

Fábrica de Papel da Abelheira—Tojal

Papeis de escrever para Correspondência, para Livros Comerciais, imitações de «Couchés», de impressão, de côres para capas, Affiches em côr e riscados, Manilhas, Krafts, de embrulho, etc., etc. Mata-borrão, Cartão e Cartolinas.



ACOMPANHANDO OS PROGRESSOS DO IMPÉRIO



Vista parcial das instalações em Santo Amaro - Lisboa

**EM
BENEFÍCIO
DA ECONOMIA NACIONAL**

INSTALAÇÕES DA VACUUM EM SANTO AMARO, LISBOA
(De cima para baixo)
O *«Malango»*, da Companhia Colonial de Navegação, recebendo carga para as Colónias.
Fabricação mecânica de caixas para acondicionamento de latas.
Enchimento automático das latas de gasolina.

A Vacuum assegura o fornecimento regular da Africa Ocidental Portuguesa em combustíveis, proporcionando trabalho a numerosos portugueses que, na Metrópole, se ocupam no fabrico de caixas e latas dos seus produtos.

INSTALAÇÕES DA VACUUM EM SANTO AMARO, LISBOA
(De cima para baixo)
Fabricação em série de latas para gasolina e petróleo.
Enchimento automático de barris.
Soldadura de latas para gasolina e petróleo.

Além disto, todas as suas exportações para as Colónias são feitas em navios portugueses.

**ONDE HA PROGRESSO
HA PRODUTOS VACUUM**

VACUUM OIL COMPANY, INC.

